

17

2017

Revista
de História
da Sociedade
e da
Cultura

CENTRO DE HISTÓRIA
DA SOCIEDADE E DA CULTURA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Villagrasa Elías, Raúl (2016). *La red de hospitales en el Aragón medieval (ss. XII-XV)*. Saragoça: Institución Fernando el Católico, 198 pp., ISBN 978-84-9911-380-7.

A obra em epígrafe corresponde à dissertação de mestrado de Raúl Villagrasa Elías, apresentada à Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Saragoça, no ano letivo de 2013-2014, e orientada por Germán Navarro Espinach e Concepción Villanueva Morte, que assinam o prólogo da obra. O autor teve como principal objetivo apresentar um estudo geral sobre os hospitais de Aragão medieval, entre o século XII e os finais do século XV, como esclarece logo no início da introdução, ciente de que tanto o âmbito geográfico, como o cronológico são ambiciosos. No entanto, perante a clareza com que Raúl Villagrasa Elías define os seus objetivos mais específicos e no decorrer da leitura, percebemos que este era o caminho lógico a seguir.

O livro estrutura-se em dois grandes capítulos, para além da introdução e da conclusão: II. *La institución hospitalaria* e III. *La red de hospitales en el Aragón Medieval*. Estes, por sua vez, subdividem-se em múltiplos subcapítulos, evidenciando uma estrutura muito clara e adequada aos objetivos. Este rigor metodológico é logo visível na introdução, dividida, ela própria, em cinco subcapítulos, que nos permitem compreender o trabalho que está na base do estudo e que nos guiam na sua leitura. Depois de apresentar os objetivos, o autor faz uma contextualização historiográfica do tema, dando particular ênfase aos estudos aragoneses, nos quais recolheu grande parte da informação. Segue-se a descrição dos passos e metodologia de investigação, a saber, as hipóteses de trabalho, as formas de organização da informação coligida, quer na bibliografia, quer nas fontes, o processo de elaboração de cartografia e a tipologia de fontes inéditas consultadas.

No primeiro capítulo mencionado (II. *La institución hospitalaria*), Raúl Villagrasa Elías analisa a instituição hospitalária nas suas múltiplas vertentes. Começa por definir o conceito de hospital medieval, alertando para alguns aspetos historiográficos que podem limitar o estudo deste tipo de instituição ao longo dos séculos medievais. Entre eles contam-se a importância que tem sido dada aos grandes hospitais de finais da Idade Média, que não deve obliterar o papel desempenhado pelos de menores dimensões; a distinção entre o hospital atual e o medieval, exigindo da parte do historiador atenção na utilização do conceito; e a ênfase colocada no Caminho de Santiago, que, não obstante a sua relevância, não era o único percurso de peregrinação, nem tão-pouco os hospitais medievais se limitavam a receber peregrinos.

Esclarecido o conceito, o autor centra-se na fundação e desenvolvimento dos estabelecimentos hospitalares aragoneses, atendendo a quem promovia a sua criação e a quem os apoiava com fundos e intervinha na sua administração. Neste aspeto, são realçados os principais poderes civis e eclesiásticos (monarquia, Igreja, representada aqui pelo Papado e pela paróquia, e municípios) e a iniciativa leiga (nobreza e confrarias).

A obra continua com a descrição das pessoas que justificavam a existência dos hospitais e que os compunham, garantindo o seu correto funcionamento. Primeiro, é definido o grupo de indivíduos assistidos nestas instituições, distinguindo-se, desde logo, as várias categorias de pobres, de acordo com as condições económicas, as mentalidades, a idade, o género e o desenraizamento. De entre os vários grupos de assistidos, Raúl Villagrasa Elías optou por se focar no exemplo dos leprosos e dos pestíferos, ambos pertencentes ao grupo dos “doentes”, e das crianças abandonadas e dos dementes, que agrupou sob a designação de “los inocentes”. Em segundo lugar, são abordados os hospitaleiros e hospitaleiras, de quem a vida e funcionamento de um hospital medieval dependiam. Neste subcapítulo salienta-se o destaque dado ao papel da mulher como hospitaleira, tanto enquanto esposa do hospitaleiro, como exercendo essa função de forma independente, sobretudo nos séculos XIV e XV.

O capítulo termina com uma abordagem à questão do financiamento dos hospitais de Aragão. O autor recorreu a várias instituições de cidades como Huesca, Barcelona e Saragoça, entre outras, para exemplificar as diversas origens dos seus rendimentos, demonstrando que muitas delas subsistiam graças ao seu património imóvel e à venda de *censales*.

Na elaboração deste capítulo, Raúl Villagrasa Elías baseou-se, essencialmente, em bibliografia aragonesa, onde recolheu grande parte dos exemplos apresentados, complementados, não raras vezes, com informação proveniente das fontes compulsadas nos arquivos da região.

O último grande capítulo (III. *La red de hospitales en el Aragón Medieval*) corresponde à parte central da obra, pois nele se cumpre o objetivo de traçar a rede de hospitais de Aragão, ao longo da Idade Média. Neste sentido, o reino de Aragão foi dividido em oito regiões, correspondentes aos subcapítulos em que se divide o capítulo em análise. São eles: 1. *El Pirineo aragonés*, 2. *Aragón nororiental – La cuenca del Cinca*, 3. *Huesca y Monegros*, 4. *Las Cinco Villas, Borja y Tarazona*, 5. *Zaragoza, cabecera del Ebro*, 6. *Calatayud, Daroca y Comunidades de Aldeas*, 7. *El Bajo Aragón y las Cuencas Mineras* e 8. *Aragón meridional: Teruel, Albarraçín y el Maestrazgo*. Todos seguem o mesmo esquema de análise. Para cada uma das oito regiões, Raúl Villagrasa Elías fez o levantamento de todos os hospitais, apresentando os dados que se conhecem, como data de fundação, invocação e outros elementos mais particulares, e estabelecendo oportunas relações com os espaços onde estavam implantados. Este último aspeto é especialmente visível

no primeiro subcapítulo. A geografia da região, montanhosa e de fronteira entre Aragão e os territórios franceses, determinou uma rede assistencial muito particular, de carácter transfronteiriço e composta por hospitais destinados, sobretudo, a viajantes, comerciantes e peregrinos.

O número de instituições inventariadas para cada região, ao longo de toda a Idade Média, varia entre as duas e as seis dezenas, estando, naturalmente, dependente de inúmeras condicionantes, como a dimensão e importância da área em estudo. Por exemplo, só para a cidade de Saragoça, capital do reino, foram recolhidas referências a quase trinta estabelecimentos hospitalares. Embora o autor tenha optado por apresentar todos os hospitais de uma região ou cidade ao longo dos limites cronológicos em estudo em vez de proceder a uma divisão por intervalos de tempo, a estrutura clara do texto, aliada a frequentes justificações, permite ao leitor ter em conta que, numa grande parte das vezes, as referências são raras e breves e que todas as instituições enumeradas não estiveram ativas em simultâneo, sendo muito comuns novas fundações e extinções.

Uma das mais-valias deste trabalho é a inclusão de um mapa e de uma tabela no final de cada subcapítulo. Em cada mapa estão representados os municípios da região em apreço que tiveram hospitais na época medieval, facilitando a apreensão da distribuição geográfica destes estabelecimentos assistenciais no reino de Aragão. Por sua vez, em cada tabela estão elencados todos os hospitais da região, agrupados por município, com indicação da invocação, data da primeira menção, que podia ser de fundação ou não, tal como assinalado na coluna seguinte, e referência documental ou bibliográfica. Neste caso, apenas consideramos que, dentro de cada município, as instituições deveriam ter sido ordenadas cronologicamente. Não obstante, estas tabelas são um complemento fundamental ao texto e de grande utilidade para o conhecimento de todos os hospitais medievais aragoneses.

Com uma escrita fluída e coerente, o livro de Raúl Villagrasa Elías apresenta-se como um bom contributo para a história dos hospitais medievais, tanto de Aragão, como do restante Ocidente europeu. A sua leitura permite estabelecer comparações, nomeadamente com a realidade portuguesa, podendo até desafiar-nos a colocar diferentes questões às nossas fontes.

ANA RITA ROCHA

CHSC – Universidade de Coimbra
anarita.srocha@gmail.com